

Educação Ambiental e Candomblé: afro-religiosidade como consciência ambiental*

Environmental Education and Candomblé: african religiosity as environmental awareness

Felipe Rodrigues Martins¹

Resumo

O ser humano está situado no mundo e dispõe de inteligência e capacidade de refletir sobre ele com o objetivo de transformá-lo por meio do trabalho e ações políticas. A participação do homem como sujeito na sociedade, na cultura e na história se faz à medida que educado para conscientizar-se, assume suas responsabilidades como cidadão. Assim, o homem é o elemento e o sujeito da educação, que é sempre uma ação política transformadora. A educação ambiental é definida no Tratado de Educação Ambiental para a Sociedade Sustentáveis, como um processo dinâmico em permanente construção, que é orientado por valores que promovem a transformação social. Esta proposta educacional encontra equivalência na constituição e nas práticas da cultura afro-brasileira, mais especificamente o Candomblé. Os orixás são "forças inteligentes da natureza" e "entidades espirituais regentes". Enquanto forças inteligentes da natureza vinculam-se ao cosmos, identificando-se com os elementos e manifestações naturais. Enquanto entidades espirituais regentes vinculam-se às pessoas, funcionando como arquétipos da personalidade humana. Seres complexos, os orixás permitem múltiplas classificações, conforme a genealogia, as características e a metodologia ritualística. Sua identificação maior, porém, está no vínculo de cada qual com os elementos da Natureza. Relacionados esses conhecimentos, com entrevistas feitas com líderes religiosas do Candomblé, tornou-se possível discutir a relação entre o Candomblé e a educação ambiental. O trabalho foi desenvolvido de acordo com a pesquisa etnográfica e teve como objetivo analisar as contribuições da cultura religiosa do Candomblé na cidade de Belém - PA para a formação de um modelo de consciência ambiental, que entende a importância do meio natural, para os seus adeptos e para todos.

Palavras-chave: Cultura. Afroreligiosidade. Ecologia. Sociedade. Meio Ambiente.

Abstract

The human being is in the world and has the intelligence and ability to reflect on himself in order to transform him through work and political action. The participation of man as a subject in society, culture and history is made as educated to become aware assumed his responsibilities as citizen. Thus man is the element and the subject of education, which is always a transformative political action. Environmental education is defined in the Treaty of Environmental Education for Sustainable Society, as a dynamic process in permanent construction, which is guided by values that promote social transformation. This educational proposal is equivalence in the constitution and practices of the African-Brazilian culture, specifically the Candomblé. The deities are "intelligent forces of

* Este texto foi formulado com parte de minha Dissertação de Mestrado "Candomblé e Educação Ambiental: uma possível e construtiva relação", defendida neste ano corrente, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências e Meio Ambiente do Instituto de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Federal do Pará.

¹ Bacharel em Ciências Ambientais pelo Centro Universitário do Estado do Pará. Mestre pelo Programa de Mestrado em Ciências e Meio Ambiente da UFPA. Tem experiência na área de Ciências Ambientais, com ênfase nas temáticas de Ecologia, Unidades de Conservação, Gestão e Educação Ambiental, Comunidades Tradicionais e Afro-Religiões Amazônicas.

nature" and "ruling spiritual entities". While intelligent forces of nature are linked to the cosmos, identifying with the elements and natural manifestations. While regents spiritual entities are linked to people, working as archetypes of human personality. Complex beings, deities allow multiple classifications, according to genealogy, features and ritualistic methodology. His greatest identification, however, is the link of each with the elements of nature. Relating this knowledge to interviews with religious leaders of Candomblé, made it possible to discuss the relationship between Candomblé and environmental education. The study was conducted according to ethnographic research and aimed to analyze the contributions of the religious culture of Candomblé in Belém - PA to the formation of a model of environmental awareness, which takes into consideration the importance of the natural environment for its adepts and for all.

Keywords: Culture. Afroreligiosity. Ecology. Society. Environment.

1 Introdução

Dentro do enredo da atual crise socioambiental caracterizada pela globalização e exploração exacerbada dos recursos naturais e pela desvalorização de antigos costumes culturais, a Educação Ambiental tem se firmado como um dos temas mais discutidos na área ambiental, da educação e cultura nos últimos anos. O ambiente acadêmico e científico têm tratado do assunto exaustivamente, reavaliando valores culturais e mudando suas práticas pedagógicas até então voltadas unicamente para a transmissão de conhecimentos, quando na verdade a educação ambiental visa não só a utilização racional dos recursos naturais, mas também a valorização da cultura e formação de cidadãos capazes de refletir e participar das discussões e decisões sobre as questões socioambientais (MARTINS, 2015, p. 22).

Fato esse que pode ser comprovado com o seguinte depoimento de uma das senhoras entrevistadas na

pesquisa, a Iyálorixá Rosalidia Sutelo quando diz que a área da cachoeira com a floresta, os animais, todo o ciclo que acontece dentro da natureza tem um orixá responsável. Orixá é energia em movimento, é asé, é vida. Para que você possa cultuar seu orixá é preciso haver o elemento que ele representa no nosso mundo, Ossae as folhas, Oya os ventos e raios, Yemonjá os mares, então quando você não respeita esses elementos você está desrespeitando o Orixá, que além de se tratar de um Deus, é também seu ancestral.

Nesse argumento podemos identificar a relação entre o conjunto de saberes tradicionais envolvendo os elementos culturais e ambientais da religião; é nessa relação que podemos sugerir algumas reflexões e composições entre Educação ambiental e a Cultura Religiosa de Matriz Africana. De acordo com Martins (2015, p. 22), para o Candomblé, a natureza é um espaço sagrado, de comunhão entre o mundo

espiritual e o material, que deve ser respeitado e bem cuidado. Esta concepção alinha o culto milenar a uma das maiores preocupações da atualidade: a preservação da biodiversidade.

O aspecto que mais se destaca dessas religiões com relação à questão ambiental está no fato de a natureza ser um elemento central no seu modo de perceber o divino, pois é nos rituais e cultos aos Orixás que a matriz africana se revela mais intensamente (MARTINS, 2015, p. 25). O funcionamento e interpretação de crenças e valores nessa tradição se dá na relação do homem com a sua ancestralidade, seus mitos e dogmas, ligação essa que ocorre por meio do constante manejo dos elementos naturais como a água, o fogo, a terra e as florestas, enfim, a força da vida materializada pelos Orixás nos ambientes.

O trabalho foi desenvolvido de acordo com a metodologia de pesquisa etnográfica no município de Belém, no estado do Pará e contou com a colaboração de líderes religiosas que são envolvidas também com o movimento político e ações sociais relacionadas a cultura e religião afro. De acordo com essas informações foi formulada a hipótese norteadora dessa pesquisa quem veio a ser a do Candomblé sendo desenvolvimento com uma cosmovisão²

² De acordo com Oliveira (2003), cosmovisão africana é a ótica africana sobre o mundo e suas relações; representa princípios que orientam o

fortemente envolvida com o viés ecocêntrico³ (MARTINS, 2015, p. 26).

De acordo com os aspectos ressaltados, a problemática que motiva essa pesquisa ultrapassa o âmbito restrito a religião, o problema imprime uma reflexão em um âmbito mais amplo indo às questões específicas de cidadania, sociedade e ambiente. Assim, é preciso analisar sob outros parâmetros essas questões, indo além da política, ética ou mesmo preservação do lugar. Dessa forma a questão que fica vem a ser aquela que indaga quais elementos existem na Cultura Afro-Brasileira do Candomblé capazes de desenvolver posicionamentos frente a essa complexa situação observada atualmente.

viver africano, seu modo de organização social, seus valores e formas de ver e entender o mundo.

³ Termo aqui utilizado com base no conceito de egocentrismo, onde nesse o homem é o centro de tudo, já o ecocentrismo é o ambiente e tudo o que está inserido nele, inclusive o próprio homem.

2 Educação Ambiental e Candomblé: uma possível relação

Segundo Pelicioni e Philippi Jr (2002, p. 349), a educação ambiental (EA) é um processo de educação política que possibilita aquisição de conhecimentos e habilidades, bem como a formação de atitudes que se transforma necessariamente em práticas de cidadania que garantam uma sociedade sustentável. Em razão da complexidade da questão ambiental, surge a necessidade de que os processos educativos venham a dar condições para que as pessoas desenvolvam conhecimentos, habilidades e atitudes podendo dessa forma intervir de forma significativa nos processos decisórios. (MARTINS, 2015, p. 26)

A EA nos seus aspectos de educação política visa à participação do cidadão na busca de alternativas e soluções aos graves problemas ambientais locais, regionais e globais. Ela não deve perder de vista os inúmeros e complexos desafios políticos, ecológicos, sociais, econômicos e culturais que tem pela frente, seja no momento presente, seja no futuro, sob uma visão de médio e longo prazo. (MARTINS, 2015, p. 108) Os aspectos políticos de educação ambiental envolvem o campo da autonomia, da cidadania e da justiça social, cuja importância às transforma em metas que não podem ser conquistadas no futuro distante, mas devem ser construídas no

cotidiano das relações afetivas, educacionais e sociais (REIGOTA, 1995, p. 24).

De acordo com Layrargues (1999, p. 02), a promoção da educação ambiental por meio da resolução de problemas locais, carrega um valor altamente positivo, pois foge da tendência desmobilizadora da percepção de problemas globais, distantes da realidade local, e parte do princípio de que é indispensável que o cidadão participe da organização e gestão de seu ambiente e objetivos de vida cotidiana.

Segundo Castro e Canhedo Jr. (2005, p. 406), cabe à EA como processo político pedagógico, formar para o exercício da cidadania, desenvolvendo conhecimento interdisciplinar baseado em uma visão integral de mundo, permitindo que cada indivíduo investigue, reflita e aja sobre efeitos e causas dos problemas socioambientais que afetam a qualidade de vida e a saúde da população.

A interdisciplinaridade⁴ visa a superação da fragmentação dos diferentes campos do conhecimento, buscando campos de convergência e propiciando a

⁴ Interdisciplinaridade implica a existência de um conjunto de disciplinas interligadas e com relações definidas, que evitam desenvolver as suas atividades de forma isolada, dispersa ou fracionada. Dentro do contexto da Educação Ambiental, trata-se de um processo dinâmico que procura solucionar diversos problemas ambientais através de uma análise complexa e interligada.

relação entre os vários saberes. Conceção essa que pode ser encaixada e praticada no Candomblé, visto que nessa religião há uma transmissão de valores muito semelhantes as definições e conceitos desenvolvidos na Educação Ambiental.

Levando em consideração os aspectos religiosos do Candomblé e os conceitos e objetivos da Educação Ambiental, torna-se possível discutir a relação de pertença entre religiões afro-brasileiras e a natureza. Conforme Gonçalves (2008, p. 391), o processo de antropomorfização ⁵ das divindades parece ter modificado o caráter da natureza divinizada. Assim, Ogum não é mais o ferro ou todos os metais, mas o dono deles; Iemanjá não é o mar, mas a dona do mar, Oxum não é o rio, mas a dona das águas doces.

De qualquer modo, o processo de antropomorfização atribui uma nova leitura entre os orixás (senhores protetores) e a natureza (vista agora como objeto dos orixás). Tal processo iniciara-se, ainda, em território africano, com a expansão política de algumas comunidades e o desenvolvimento cada vez maior das atividades como a manufatura, a metalurgia, etc; onde no Brasil, as referências à natureza foram preservadas simbolicamente nos altares

(assentamentos) dos orixás e em muitos elementos rituais (MARTINS, 2015, p. 119).

Outro fator presente na religião que também ressalta a questão ambiental é a importância atribuída às folhas que atesta a vinculação entre a ritualística das religiões afro-brasileiras e os elementos naturais:

[...] As plantas são utilizadas para lavar e sacralizar objetos, para purificar a cabeça e o corpo dos sacerdotes nas etapas iniciáticas, para curar doenças e afastar males de todas as origens. Mas, a folha ritual não é simplesmente a que está na natureza, mas aquela que sofre o poder transformador operado pela intervenção de Ossaim, cujas rezas e encantamentos proferidos pelo devoto propiciam a liberação do axé nelas contido (PRANDI, 2005, p. 103).

A consciência ambiental é primordial para os seguidores e seguidoras dos Orixás. A Cosmologia Africana e Afro-Brasileira identifica os Orixás como sendo a natureza, assim é natural que nos Candomblés, se aprenda a conservar e conviver com a natureza, tornando cada Ilê (templo), um pólo de resistência aos descuidos com o Meio Ambiente, e no qual, cada habitat ou elemento natural está relacionado a um Orixá, que por sua vez, tem como uma de suas características, preservar o planeta com sua natureza e a humanidade (MARTINS, 2015, p. 119).

Nos rituais do Candomblé a utilização e a identificação com os elementos da natureza são fundamentais. Sem natureza não há

⁵ Para Gonçalves 2008, antropomorfização seria o processo no qual os Orixás passaram após a diáspora africana e ao chegarem no Brasil, pois na África são vistos somente como elementos ou fenômenos da natureza, ao contrário de como são vistos no Brasil que além dessas características possuem também forma e sentimentos humanos.

orixás. Como destaca Prandi (2001, p. 20), o candomblé conserva a ideia de que as plantas são fontes de axé, a força vital sem a qual não existe vida ou movimento e sem a qual o culto não pode ser realizado. "*Kosi ewê Kosi orixá*", que pode ser traduzida por "não se pode cultuar orixás sem usar as folhas", resume bem a importância da natureza para o candomblé.

Todo o ritual exige a utilização de recursos provenientes da natureza, desde a preparação da terra para a construção de um terreiro de candomblé, pois o solo é sagrado, ele é quem dá a licença inicial para os ritos sacramentais do candomblé; até as festividades periódicas que acontecem nos terreiros. Nos terreiros de candomblé esta analogia entre natureza e religião, na qual estes elementos estão intimamente ligados, constitui um terreno fértil ao processo de respeito e conservação ambiental (ARAÚJO, 2009, p. 11).

Para que cada ecossistema⁶ tenha o seu representante responsável, o ser supremo Oludumaré, designou cada divindade com um atributo para auxiliá-lo na grande obra de perpetuação da humanidade (PRANDI, 2001, p. 503). Dessa forma, as forças da natureza tornam-se reflexos das emanações dos Orixás no planeta viabilizando o encontro do sagrado com o homem, dessa

maneira, preservar, cuidar e manter o meio natural, é condição fundamental para os seguidores do Candomblé, visto que, os ritos e rituais só acontecem e são feitos propiciados por meio de folhas, banhos e elementos naturais consagrados aos Orixás (MARTINS, 2015, p. 119).

O Candomblé possibilita aos seus participantes, leituras do mundo, das relações humanas harmoniosas e de convivências igualitárias, em que todos podem viver com autoconfiança, dignidade e respeito e, também, que se deve ter respeito pelo planeta que os acolhe. Da mesma forma que os seguidores do Candomblé quando recolhidos para iniciação, passam pelos ciclos de morte e renascimento, é necessário renascer para novas ideias, valores e culturas (MARTINS, 2015, p. 119).

É preciso que, os conhecimentos dos Quilombolas, do Povo de Santo, das comunidades da floresta, de grupos que carregam o respeito à natureza, sejam multiplicados, criando-se assim, uma "Rede de Consciência Ambiental". A terra acolhe, as águas curam e acalmam, as folhas carregam sabedoria. A natureza é dadivosa com a humanidade. O que resta a todos, é exercitar o que se aprendeu.

Segundo Santos (2008, p. 76), a mãe natureza através dos orixás, repõe o equilíbrio da ação humana junto à natureza na prática do culto. Durante os ritos, determina que as imagens sejam

⁶ Ecossistema são os organismos junto com os elementos físicos e químicos relacionados no meio em que vivem, unificados pela dependência dos organismos em suas vizinhanças físicas e por suas contribuições para a manutenção das condições e composição do mundo físico.

cultuadas em comunhão com a natureza, pois essa é o espelho material do Orum⁷, portanto a missão é cuidar dela em todos os seus aspectos. A comunidade afro-brasileira encontra na sua estrutura os mecanismos motores ancestrais: lugar, sociedade, gestos e memória constituem uma só unidade.

Da nação Jeje foi entrevistada a Iyalorixá⁸ Rosalidia Sutelo (Oya Nyrolê). Durante a entrevista, realizada em outubro de 2013, com o propósito de analisar de forma empírica, se, de fato, o candomblé possui relação com a educação ambiental e qual seria o nível de compreensão de uma líder religiosa do Candomblé quanto as questões e conceitos da área ambiental? Mãe Rosa demonstrou possuir algum conhecimento sobre as questões ambientais, pois a mesma possui filhos de santo que são acadêmicos e esses passam a ela um pouco da noção das coisas, no entanto, quando se aprofundou a conversa a nível religioso, Mãe Rosa demonstrou possuir significativo conhecimento sobre a relação do candomblé com a natureza, respondendo em quase todas as perguntas que a importância de um meio ambiente equilibrado é total para o desenvolvimento da religião, pois os orixás são a própria natureza (MARTINS, 2015, p. 122).

⁷ Segundo os fundamentos do Candomblé Orum é o mundo espiritual.

⁸ Termo utilizado na língua Iorubá para sacerdotisa da religião Candomblé, das nações Jeje-Nagô e Ketu.

Da nação Angola, foi entrevistada a Mametu⁹ Oneide Monteiro (Nangetu). A entrevista, realizada em Novembro de 2013, com o propósito de analisar de forma empírica, se, de fato, o candomblé possui relação com a educação ambiental e qual o nível de compreensão de uma líder religiosa do Candomblé quanto as questões e conceitos da área ambiental? Foi muito interessante, pois por se tratar de uma sacerdotisa que entre todas as entrevistadas é a que possui mais idade, passou, através da entrevista e dos questionamentos, informações baseadas em seu conhecimento empírico de religião. Exemplo disso foi quando indagada sobre o que vem a ser Educação Ambiental, de acordo com a religião, a mesma respondeu:

É você não deixar sua casa, sua roça, o espaço aonde você vive, sujo e maltratado. É cuidar de tudo aquilo que você usa e sabe que são os inkisses! É colher uma folha para fazer um banho, mas pegar uma quantidade que não maltrate a planta e a deixe continuar vivendo (informação verbal).

Da nação Ketu, a entrevista, realizada em Novembro de 2013, com o propósito de analisar de forma empírica, se, de fato, o candomblé possui relação com a educação ambiental e qual o nível de compreensão de uma líder religiosa do Candomblé quanto as questões e conceitos da área ambiental? Foi

⁹ Termo utilizado na língua Bantu para sacerdotisa da religião Candomblé, da nação Angola.

realizada com a Iyalorixá Virginia Lunalva (Ominisaá). Com esta, por sua vez, a entrevista foi um pouco mais demorada, pois a mesma além de já desenvolver projetos com a sua ONG Aciyomi, também é envolvida com uma série de conselhos e grupos de trabalho, que envolve as causas das Comunidades Tradicionais de Terreiro, dessa forma trouxe uma gama de conhecimentos não somente sobre os fundamentos da religião, mas também como a mesma se desenvolve atualmente. Para Mãe Nalva, Educação Ambiental no candomblé é

Todo aprendizado desenvolvido dentro dos Ilês (terreiros), é a educação primária que os iniciantes possuem, pois é através dessa educação que são passados os valores que o candomblé desenvolve e assim desenvolvida a noção do respeito que se deve ter pela natureza como um todo (informação verbal).

Além disso, Mãe Nalva ressaltou que a forma de pensamento desenvolvido pela noção de respeito do Candomblé pode ajudar na proteção do meio ambiente através da passagem de valores que ocorre no cotidiano dos terreiros onde são desenvolvidos o amor e o carinho que deve haver pelos orixás e através desses sentimentos incutidos nos seguidores é desenvolvida a ideia de que se deve proteger o meio ambiente. Ou seja, pelo importante papel que o meio ambiente representa para a espiritualidade afro-brasileira, a religião deve torna-se responsável por estruturar a conscientização. No candomblé

entende-se, que a falência dos elementos naturais resulta em falência espiritual e religiosa, o fim de tudo.

De maneira geral, todas as entrevistadas demonstraram possuir a noção de que o meio ambiente está diretamente relacionado aos Orixás, ou seja, independente da nação os Orixás são a própria Natureza e para desenvolver a religião é preciso haver um meio ambiente equilibrado. Mãe Nalva destacou em sua fala:

O culto aos orixás tem muita fundamentação capaz de responder às necessidades da conservação ambiental, e até mesmo de desenvolvimento sustentável e educacional, bem mais do que a forma capitalista desenvolvida atualmente (informação verbal).

A utilização dos recursos ambientais nas práticas religiosas do candomblé é de forma equilibrada e consciente, podendo caracterizar esse processo como um manejo sustentável¹⁰. Cada elemento ou item utilizado nos rituais representa um orixá: a terra, a água, as plantas, o raio, a chuva, todo o ciclo ecossistêmico é considerado sagrado e ao fazer uso desses elementos, os iniciados recebem a energia dos orixás, o axé, conservando e renovando a energia vital de si próprios e do meio (MARTINS, 2015, p. 119).

¹⁰ Manejo Sustentável é a administração dos recursos naturais e ambientais para obtenção de benefícios econômicos, sociais e ambientais, respeitando-se os mecanismos de sustentação do ecossistema.

Banhos ritualísticos como os abôs e amacis, por exemplo, utilizam as folhas de plantas sagradas no candomblé, como citado na entrevista pela Mametu Nangetu, “no momento da coleta ao invés da planta em si são retiradas somente a quantidade necessária de folhas” (informação verbal), conservando desta forma, o princípio vital do recurso ambiental. Este manejo garante a utilização do recurso em momentos diversos dos rituais. Este tipo de manuseio pode ser considerado desenvolvimento sustentável, o que na cosmovisão africana, chama-se de respeito. O culto aos orixás transmite uma coerência que é a de se relacionar com a natureza, produzindo a prática da conservação, através do sentimento de pertencimento a natureza e não o de posse.

Fazendo um contraponto entre as informações obtidas na pesquisa e o que vem a ser conservação ambiental ou da natureza segundo o Vocabulário Brasileiro Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente, que diz:

Utilização racional dos recursos naturais renováveis (ar, água, solo, flora e fauna) e obtenção de rendimento máximo dos não renováveis (jazidas minerais), de modo a produzir o maior benefício sustentado para as gerações atuais, mantendo suas potencialidades para satisfazer as necessidades das gerações futuras (IBGE, 2004, p. 84).

Pode-se perceber que o candomblé se encaixa nessa definição de utilização racional dos recursos com

vistas à conservação ambiental, visto que cada recurso existente na natureza representa um orixá e que deve ser preservado para manter a ligação com o divino e assegurar de alguma forma a subsistência no planeta.

Traçada, então, uma linha de raciocínio entre os assuntos e de acordo com a ideia passada pelas entrevistas, todos os orixás estão intimamente ligados ao meio ambiente, e à medida que se destrói um elemento da natureza, causa-se uma reação em cadeia que pode ser considerada como um castigo dos orixás por tal violação (MARTINS, 2015, p. 124). Dessa forma, é correto pensar na possibilidade de conhecer os princípios éticos e filosóficos do candomblé para fundamentar uma educação ambiental que contribua para a formação de uma consciência ambiental.

Para Botelho (2008, p. 214), esta formação

além de promover o respeito por uma prática sócio-religiosa herdada pelos negros e negras africanos e afro-brasileiras (as), ainda pode facilitar aos educadores uma ação pedagógica mais solidária em relação ao meio ambiente.

Santos (2007, p. 24), afirma que a distinção reside em que as crenças são parte integrante da nossa identidade e subjectividade, enquanto as ideias são algo que nos é exterior. Enquanto as nossas ideias nascem da dúvida e permanecem nela, as nossas crenças nascem da ausência dela. No fundo, a

distinção e entre ser e ter: somos as nossas crenças, temos ideias .

Outro fator muito citado nas entrevistas é a questão da sustentabilidade que além de ser de grande importância ambiental também se caracteriza por um grande desafio, pois, há a necessidade de utilizar os recursos ambientais de forma racional, para Leff (2001, p. 15), ela surge no contexto da globalização como marca de uma transformação de pensamento e sinal que reorienta o processo civilizatório da humanidade.

A correta utilização dos recursos naturais, com garantia do manejo e conservação, são práticas do candomblé para que estes possam ser utilizados por gerações futuras nos seus rituais e possam manter o próprio orixá em seu princípio vital. Afinal, este princípio rege não só os princípios e fundamentos da religião como também a vida dos seres humanos pois é da natureza que é retirado todo o sustento da humanidade (MARTINS, 2015, p. 125).

Dentro da visão apresentada pelas entrevistadas podemos ressaltar que o conhecimento trazido por elas pela religião encaixa-se perfeitamente no que Carvalho (2008, p. 38) diz quando afirma que a educação ambiental é um "campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os termos dessa relação se modificam dinamicamente e mutuamente," e dessa forma não pode ser visto de maneira separada.

Cultura e natureza são indissociáveis e levando em consideração, por exemplo, as Comunidades Tradicionais, que desenvolvem suas culturas de acordo com a Biodiversidade presente no seu território, na constituição dos cultos do Candomblé elas são os elementos primordiais da construção da identidade cultural do povo de santo brasileiro (MARTINS, 2015, p. 126).

Desta forma, as práticas desenvolvidas pelo candomblé e a educação ambiental são o resultado de dois fatores: a complexidade do processo educativo presente na religião e a complexidade da teoria ecossistêmica relacionada de forma empírica aos orixás, onde se ambas forem analisadas pela vertente pedagógica-ambiental, resultaram em uma interessante concepção dita por Leff (2002), quando sugere que essa complexidade é o ato de apreender o mundo, como parte do próprio ser de cada sujeito.

3 Considerações finais

Nessa pesquisa foram relacionados com o Candomblé os três pilares da educação ambiental: sustentabilidade, complexidade, e interdisciplinaridade. Essa nova proposta encontra equivalência na fundamentação e práticas do candomblé, que contribuem para a formação de um sujeito ambientalmente consciente. Além disso, as bases definidas no Tratado de Educação Ambiental reforçam a interação homem-natureza, interação essa já existentes nos cultos afro-brasileiros que pode ser considerada uma identidade cultural, fator esse que confirma que estudos culturais e ecológicos além de possuírem certo grau de interligação se tornam um importante instrumento de análise da sociedade contemporânea.

A ancestralidade está ligada à natureza nas religiões africanas, cuja herança transmite a reverência à "natureza" aos ritos das religiões afro-brasileiras, constituindo responsabilidade de seus adeptos. Mais do que presente na natureza, os orixás são transfigurações dos elementos naturais. Esta relação favorece nos seguidores do culto um sentimento de pertença visto que para o Candomblé todos somos descendentes diretos dos orixás que nos regem e assim devemos cultuar, amar e proteger nossos antepassados através de suas representações na natureza.

Na cosmovisão africana a relação homem-natureza é simbiótica¹¹, tal que um deve ser adaptado ao outro, e através do desenvolvimento dessa visão ocorre à conservação e a conscientização ambiental. Esse valor de pertencimento à natureza favorece a formação de uma consciência ambiental, que compreende de forma empírica a multidimensionalidade¹² a sustentabilidade e a interdisciplinaridade essencial à mitigação¹³ da problemática ambiental.

No entanto, com a escravidão no Brasil, a cultura africana foi subjugada e subtraída, surgindo assim várias interpretações erradas, esses fatores provocam o medo, preconceito e até mesmo a negação da construção de uma identidade brasileira com a cultura africana, deixando excluídas, as contribuições deste povo à sociedade como um todo.

O resgate da cosmovisão africana, neste momento de grande crise ambiental, se faz muito necessário, pois traz contribuições do povo africano para

¹¹ Relação simbiótica é aquela relação mutuamente vantajosa entre dois ou mais organismos vivos de mesma espécie ou de espécies diferentes.

¹² A palavra multidimensionalidade é a contração de muitas + dimensões, que no espiritualismo se refere aos planos terrenos ou espirituais sobrepostos, dentro da vertente da Educação Ambiental, pode ser definida como a forma mais correta de análise do meio ambiente, onde todos os fatores que fazem parte do meio são analisados de maneira interligada, onde possuem influências diretas uns sobre os outros.

¹³ Dentro do contexto ambiental, Mitigação é a ação em um ambiente que consiste numa intervenção humana com o intuito de reduzir ou remediar um determinado impacto ambiental.

a sociedade, desmitificando equivocadas interpretações das suas práticas religiosas, que contribuem de forma

significativa para a conservação ambiental e construção de um novo pensar.

Referências

ARAUJO, J. C. Educação ambiental e religiosidade: a contribuição do candomblé jeje na formação do sujeito ecológico. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 6., 2009, San Clement Del Tuyu – Argentina, **Anais...**, 2009. p. 15-35.

BOTELHO, Denise. Religiosidade Afro-Brasileira e o Meio Ambiente. In: UNESCO. **Vamos Cuidar do Brasil: Conceitos e Práticas em Educação Ambiental na Escola**. Brasília: Unesco, 2007, p. 210-216.

CARVALHO, I. C. **Educação Ambiental: A formação do Sujeito Ecológico**. São Paulo: Cortez, 2008.

CASTRO, M. L.; CANHEDO Jr, S. G. Educação Ambiental como Instrumento de Participação. In: PHILIPPI Jr. A.; PELICIONI, M. C. F. (Orgs.). **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. Barueri, 2005. Cap. 15.

CASTRO, M. L.; GEISER, S. R. A. Educação Ambiental: um caminho para a construção da participação nos conselhos de meio ambiente. In: PHILIPPI Jr., A. PELICIONI, M. C. F. (Edit.). **Educação Ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos**. São Paulo: Signus, 2000. p. 215-22.

FREIRE, P. **A importância do ato de Ler, em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

GAXÉTA, A – O Jornal da diversidade On-line. A Relação Meio Ambiente X Orixá. Postado em: 12 jan. 2010. Disponível em:
<<http://www.jornalagaxeta.com.br/mate>

rias.php?opt=9&mat=447>. Acesso em: 27 de jan. 2011.

GONÇALVES, Antonio Giovanni Boaes . A Floresta e o Jardim: esboço de um estudo sobre as representações do elemento vegetal nas religiões afro-brasileiras e judaicocristãs. In: CICLO DE ESTUDOS SOBRE O IMAGINÁRIO, 14., 2006, Recife. **Anais...** Recife : UFPE, 2006. p. 389-394

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/vocabulario.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

LAYRARGES, P. P. A Resolução de problemas ambientais deve ser um tema gerador ou a atividade fim da educação ambiental. In: REIGOTA, M. (Org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DPEA; 1999. p. 131-48.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Petrópolis: Vozes. (2001).

MARTINS, Felipe Rodrigues. Candomblé e Educação Ambiental: uma possível e construtiva relação. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Exatas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Meio Ambiente. Belém – PA, 2015.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão africana no Brasil:**

elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

PELICIONI, M. C. F. PHILIPPI Jr., A. Meio Ambiente, direito e Cidadania: Uma interação necessária. In: PHILIPPI Jr., A.; ALVES, A. C.; ROMERO, M. A.; BRUNA, G. C. **Meio Ambiente, Direito e Cidadania**. São Paulo: Signus, 2002, p: 347-51.

PRANDI, Reginaldo. Orixás e a Natureza. In: _____. **Segredos Guardados: Orixás na Alma Brasileira**. São Paulo: Companhia da Letras, p. 1 – 12, 2005.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REIGOTA, Marcos. Meio ambiente e representação social. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção questões da nossa época).

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos, Rio de Janeiro**, UFRJ/Biblioteca Nacional, 2006. 555p.

SANTOS, B. S. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de**

Ciências Sociais, n. 78, p. 3-46. Out., 2007. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/147_Para%20alem%20do%20pensamento%20abissal_RCCS78.pdf>.

SANTOS, E. J. dos. **Os Nagôs e a Morte**. Petrópolis: Vozes, 2008.

Relação dos Entrevistados

Oneide Monteiro – Mametu Nangetu – Sacerdotisa na Religião Candomblé, Nação Angola, líder do Terreiro Mansu Nangetu, Concedeu seu depoimento em Belém (PA), aos 14 de Outubro de 2013.

Rosalidia Tavares Sutelo – Oya Niroê – Sa - Sacerdotisa na Religião Candomblé, Nação Jeje, líder do Terreiro Ilê Asé Oya Niroê Igbalé, Concedeu seu depoimento em Ananindeua (PA), aos 17 de Outubro de 2013.

Virginia Lunalva Miranda de Sousa – Iyá Ominisàá - Sacerdotisa na Religião Candomblé, Nação Ketu, líder do Terreiro Ilê Asé Iyabá Omi, Concedeu seu depoimento em Belém (PA), aos 15 de Novembro de 2013.

Recebido em 30/07/2014.
Aceito para publicação em 26/06/2015.